

# DES NORTE

CONTOS



**INÊS PEDROSA**

Ilustrações de Gilson Lopes





Voz	9
As curvas do tempo	19
Mar aberto	31
Repouso eterno	41
Suzana	53
Canário	67
Desnorte	77
A posse	87
Antes morta	95
A páginas tantas	107
Dar à luz	123
Frank esperando Amália	133
A salvação da Europa	155
As mais altas coisas	167





VOZ



*Cada voz está só e é única e é contra o coração dos outros, vertiginosamente, que ela ressoa.*

AGUSTINA BESSA-LUÍS

**E**stás lá em cima, na suíte. E hoje eu tinha de ficar perto de ti – perto e longe. Se me aproximasse demasiado, tornar-me-ia uma *groupie* como as outras. E não é nada disso. Nunca coleei um poster de um cantor no quarto, nunca tive sonhos eróticos com vedetas – não me perguntes porquê, mas eu sempre soube que também era uma vedeta. Sempre gostei do teu trabalho, sim. Era como se o teu trabalho fizesse parte de mim, entendes? Eu compreendia-te, tu dizias coisas que eu poderia dizer. Mas como tu já dizias essas coisas, eu preguiçava. Pensava que um dia iria ter as minhas próprias frases, das quais tu serias apenas e prodigiosamente a banda sonora. Pensava demasiado. Por isso, aliás, me precipitei. Fiz demasiados anúncios, entrei em demasiadas telenovelas – queria fazer Shakespeare, achava que havia de chegar lá. Às vezes tinha mesmo a certeza de que, mais do que interpretar Shakespeare, eu

iria tornar-me a criadora da minha própria peça. Mas não é para lá que eu tenho andado. Provavelmente tenho tido uma vida demasiado feliz. Será a felicidade mais triste do que a tristeza?

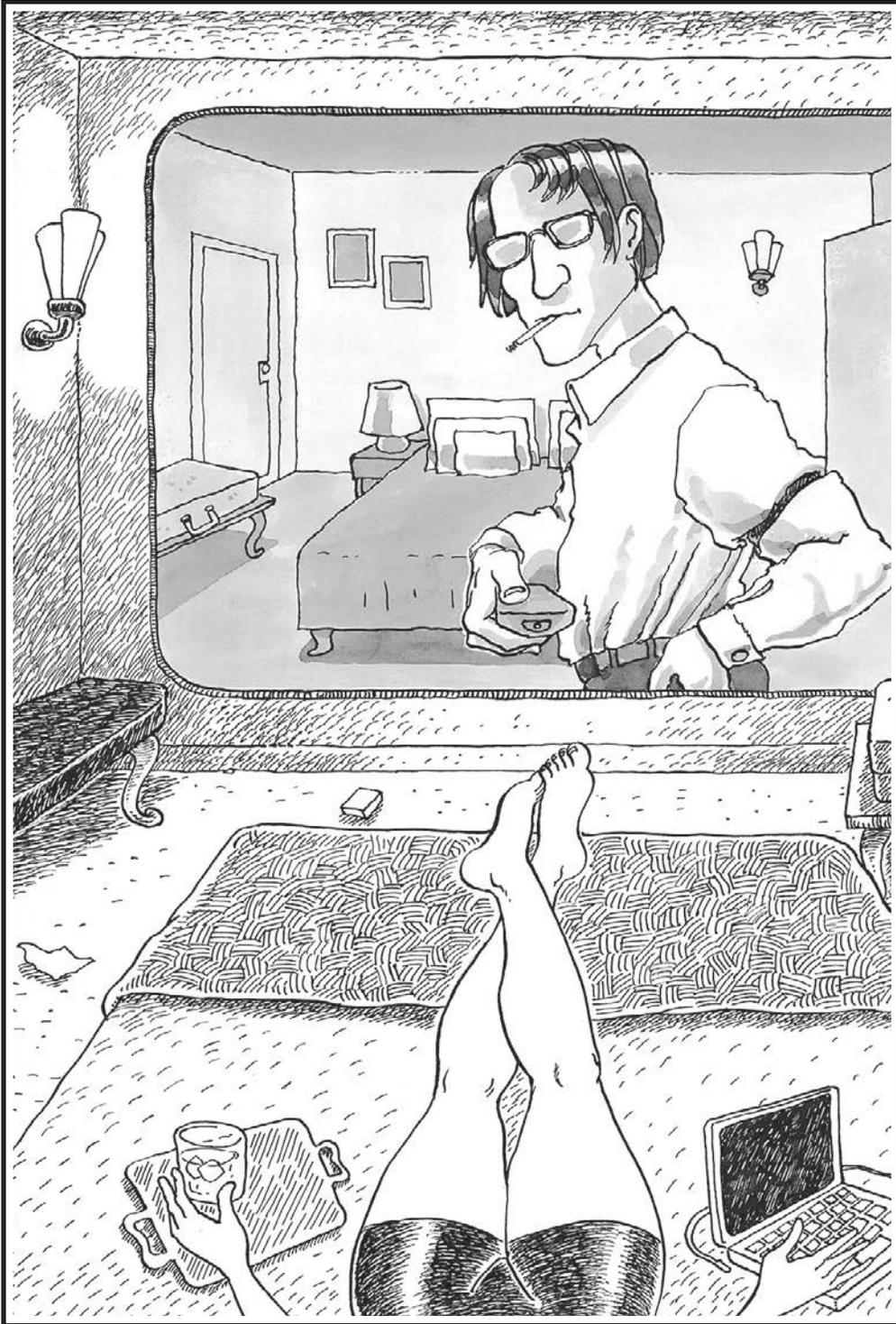
Por isso, quando tropecei em ti, inesperadamente, no bar deste hotel onde vinha ter com mais um cliente, disse-te aquilo. A vida das raparigas da televisão resume-se a isso, encontros com clientes que nos mandam engordar ou emagrecer ou pôr um aparelho nos dentes ou aprender a fazer de conta que tocamos piano. Disse-te aquilo. Assim: «Obrigada por existir. A sua música é igual aos filmes que eu poderia fazer, se não perdesse tanto tempo, ou se não ganhasse tanta felicidade, a ouvi-lo. Desculpe.» E tu riste-te, cravaste os teus dedos, finos e duros como garras de ave de rapina, no meu braço. Perguntaste-me o meu nome. Deste-me um beijo na testa. Sempre detestei beijos na testa, eram a marca do meu pai, mas o teu beijo não tinha qualquer laço de sangue. Era só uma prenda, pequena, táctil. Começava e acabava ali, tinha uma maravilhosa qualidade de coisa pronta, sem antes nem depois. E dedicaste-me uma canção, no espectáculo dessa noite, sem sequer saberes se eu estava lá. O meu nome. Ninguém o conhece, essa é que é a verdade. Sou a Sandra cleptómana da novela das oito, ou a Diana toxicodependente da novela do meio-dia. Ao meio-dia a toxicodependência passa melhor, as donas de casa gostam. À noite a história tem de ser mais elaborada, há mais concorrência. Também era a Rute do anúncio dos investimentos bancários para

jovens, mas a Diana toxicodependente acabou-me com essa campanha, o banco não gostou de ver o seu protótipo feminino saudável e sensato transformado numa rapariga olheirenta e desesperada que chega a roubar a própria mãe para comprar mais uma dose.

Esta noite tu cantaste para mim, e é por isso que aqui estou, sozinha neste quarto de hotel, a decidir o que vai ser o resto da minha vida. Não é por causa de ti, especificamente. Não estou agarrada à tua carne, ao teu sangue, ao teu sexo. Não penses que vou subir, tentar seduzir-te, tentar ter um filho teu. Também não penses que te acho demasiado velho para o amor concreto. Por acaso sempre pensei que não seria capaz de desejar um homem muito mais velho ou muito mais novo, mas a ti não te consigo pregar no álbum do tempo. Facilmente iria para a cama contigo, se não te admirasse tanto. Ou se tu me admirasses um bocadinho. Preciso de ser admirada para sentir desejo – mas não demasiado, também. O desejo é uma balança de alta precisão, sei que tu percebes isto. Dormir com alguém que nos admira demasiado obriga-nos a medir todos os gestos e palavras – e lá se vai o prazer da perdição. Essa corrente de ar entre duas pessoas a que se chama amor exige que se abram uma quantidade de portas e janelas, e que batam muitas vezes. É a esse bater de portas e janelas que chamamos tempo. De maneira que não te posso amar. Ainda. Não te posso amar completamente. Ainda. Gostava de te amar, mas não neste momento em que, sob o teu sortilégio, creio que começo a amar-me. Só amo o que conheço. Tu és o meu desconhecido íntimo.

Talvez pudesse amar-te. Ainda. No momento em que me dedicaste aquela canção deixaste de ser apenas o meu músico favorito. É preciso que te diga que aquela canção me acompanhava desde a meninice, como tu. Devolveste-me o território mítico da minha infância e entregaste-me, ao mesmo tempo, a ideia de que nenhum sonho é demasiado alto. Tornaste-me vaidosa de nós dois, das coisas que poderíamos fazer juntos, das coisas que iremos de certo fazer juntos, mesmo que nunca mais nos encontremos. A vaidade não deixa de ser um dos timbres do amor, por muito que embacie o coração.

De qualquer forma, o meu coração é uma floresta cheia de nevoeiro – guarda tudo e não encontra nada. Sou uma recordadora profissional. Vivo de recordações, mesmo daquilo que ainda não fiz. E repito obsessivamente os mesmos truques. Iludo-me. Penso sempre que amanhã é que vai ser. Desenvolvi um erotismo futurista: deleito-me com o puro prazer dos meus sonhos. De certa maneira, já vivi tudo, porque em sonhos consigo projectar-me inteira nos corpos, nos sentimentos e nas experiências dos outros. Tenho uma capacidade estereofónica; posso ter ao mesmo tempo cem e dezoito anos. O que é um cansaço, tens razão. Reproduzo-me sem sequer ter ainda produzido a minha própria identidade. Amo com uma eficiência de fábrica multinacional. Mas o amor é como a pintura. Só piora com a reprodução. Eu também podia ser pintora, sabes? Tinha o dom. Tinha o olhar. Tinha o dedo. Tinha demasiados dedos. Ainda tenho. Se eu quisesse, pintava. Ou escrevia.

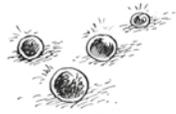


Ou filmava. Ou esculpia. Ou fotografava. Nunca soube querer muito uma só coisa. Os antigos ingredientes da inteligência, como a bondade, a compaixão ou a beleza, parecem completamente desacreditados. Já reparaste que o «belo» agora vem sempre envolto numas aspas de veludo, como se fosse um grande e solitário empresário? E, no lugar onde a inteligência nos magoava, a ironia borbulha como champanhe. O conceito do belo vale mais do que a beleza particular das pessoas e das coisas, e o gesto irónico vale mais do que o gesto criador. Tudo se transforma em guerra, tiroteio de protagonismos, competição. Por isso é que fui desistindo das coisas sérias e simples que as minhas mãos gostavam de fazer. Nem sequer gosto das minhas mãos, mas sei que são boas. Mãos de paz num corpo bélico. Acariciam bem. Por isso têm acariciado, demasiadas vezes, indiscriminadamente.

Para te dizer a verdade, e outra coisa não seria capaz de te dizer, odeio a palavra paz. Tornou-se um sinónimo de cobardia, uma mortalha branca de cumplicidade com o terror. Explodem aviões, comboios, bares e arranha-céus: e os paladinos da paz manifestam-se contra a jactância da civilização que construiu bares, arranha-céus, comboios e aviões. Encapelo-me contra o branco medíocre desta paz folclórica e beata, que cheira aos incensos do medo, ou pior. Mas também eu gostei de amar o que não me merecia – homens cinzentos, amigos que ferem na língua como copos esbeiçados, obras de arte menores que me inspiravam precisamente pela sua promessa incumprida. Eu

era assim, até esta noite. A canção que me dedicaste caiu sobre as minhas fraquezas como um raio. Mostrou-me o naufrágio em que eu vivia, encantada como uma criança que brinca com destroços e algas à beira-mar. A canção que me dedicaste tornou-me, finalmente, igual a ti – uma estrela, e não estou a falar de palcos. O teu trabalho ilumina os palcos porque começa e acaba fora deles. O teu trabalho é uma investigação sobre as tuas forças e as tuas fraquezas, os teus limites. Eu acalentava a presunção de ser ilimitada. Por isso não tinha, até esta noite, uma voz. Só o silêncio é infinito, eterno, indiferenciado. No silêncio deste quarto de hotel sinto, pela primeira vez, a consistência bruta da minha voz. A voz autêntica de uma amadora, de alguém que já não tem medo de arriscar o melhor de si.





## AS CURVAS DO TEMPO



Queria voltar a ter quinze anos. Coisas que dizemos por dizer. O corpo falha-nos, a cabeça demora tanto a esquecer como a lembrar, a camisa onde antes flutuávamos esmaga-nos agora as duas fatias de carne que antigamente davam pelo nome de músculos bíceps braquiais, encontrámos a felicidade de que passámos a vida inteira a desconfiar, acordamos de madrugada, em sobressalto, para confirmar que respiramos, que a mulher amada respira, ouvimo-la ressonar de um modo tão profundo que quase apaga o ruído do primeiro avião, pensamos ela tem de deixar de fumar, que vai ser de mim sem ela, saímos da cama muito devagar para ir à casa de banho, avançamos até à cozinha para sossegar com uma bolacha, um copo de leite, levamo-los para a sala, desabamos no sofá para uns minutos de *zapping*, meditamos nas estatísticas da mortalidade por género, o maldito feminismo dos números, as mulheres

duram mais, oxalá, que vai ser de mim sem ela, e que fará ela sem mim, melhor nem imaginar, eu morto e aquele riso dela à solta por aí, a encantar as árvores, as flores e os mên-fios de conversa açucarada, ela tão gulosa e doce e os abutres a sobrevoá-la, eu morto, tenho de voltar ao ginásio, acabar com o queijo e o vinho, vá lá, um copo ou dois ao sábado, e tantas coisas que ainda não fizemos, não fomos aos Picos da Europa, não fomos à ópera em Nova Iorque, e os filmes do Visconti ainda dentro do celofane, que vergonha se morro assim como o meu pai, sem tirar do plástico do Círculo de Leitores a colecção de clássicos portugueses, é para a reforma, dizia ele, na reforma vou ler isto tudo, não abras para não ganhar pó, e de repente o pó era ele, ainda por reformar, e aquela vergonha na estante, os homens duram menos, gastam-se mais depressa, material menos resistente, o que fazes aqui amor, procurei-te e não estavas na cama, ela arrastando as pantufas, luminosa nuvem de sono, a cara amarrotada como um mapa muitas vezes dobrado e desdobrado, e eu, trôpego, desculpa, devo ter tido um pesadelo, não conseguia dormir, não queria interromper-te o sono, vim para aqui ver se amolecia. Como se já não estivesse amolecido, como se o meu problema não fosse exactamente esse, moleza generalizada, o corpo a regressar à terra, os pés a criarem raízes, amanhã vou começar a caminhar, desde que o jornal me dispensou habituei-me a dispensar-me de mim mesmo, os projectos que guardava para quando tivesse tempo desmoronaram-se em preguiça, escrever para quê, para quem, só se fosse para ela, para a